

IMAGEM NO BRASIL

Fragmentos, vazios e imagens

Antonio Carlos R. de Amorim

Terezinha C. Carneiro Pessoa

Valdemir da Silva



Escritas da exposição são tanto a entrada do universo imagético descrito e sentido por visitantes, quanto a expressão do vazio, apagamento e ausência que tais imagens surtiram, inclusive, em que as produziu.

Para a exposição usamos imagens cedidas por pesquisadores do Instituto de Biologia da Unicamp que coordenam projetos dentro do Programa BIOTA-Fapesp, e outras de animais e plantas publicadas em artigos de divulgação científica, além dos animais taxidermizados do Museu de História Natural da Unicamp.

O trabalho com imagens "originais" cedidas pelos pesquisadores e sua apresentação, na exposição, na dispersão da luz das lanternas e na escuridão do entre-tempo da sincronia da iluminação, ressoam o "silêncio humano". Seria na configuração deste território do sujeito – tão caro e fundamental para os jogos de representação – que a Biologia encontraria a desfiguração descontrolada e o vazio da significação?



As pessoas passavam, sorriam, embriagavam-se nas cores e assombravam-se ao ver a vida sendo evocada nos olhares mortos confinados em prateleiras. Aqueles que tanto olharam, mediram, julgaram e até desprezaram, agora eram cercados, provocados e, quem sabe, julgados soberanamente pela natureza inerte.

No fundo de cada olhar, ressoava a voz de uma múmia, que prenunciava os dias em que tudo seria ausente. A sobrevivência pulsava feroz dentro de cada ser, coagindo, às vezes com severidade, a pensar, repensar, lembrar e agir: "uma atitude precisa ser tomada!", é o que para muitos ela dizia. O egoísmo valsava com a complacência e o medo, diante daqueles que não mais são.

A natureza crescia, avolumava-se e invadia todos os espaços da sala, antes vazia (...). Os olhos novamente se viam, duelavam e por fim se riam, ao identificar-se entre as prateleiras do armário do tempo. Risos regados em certo desespero, frente ao observador-sujeito que se desvanecia.

Dimensões se abriram, certezas se colapsaram e o escuro, vazio e solitário, tornou a reivindicar seu espaço. A selva se dissipava frente à cortina, a última fronteira de esperança e libertação.

"Estudos culturais da ciência" foi o tema da proposta da disciplina de graduação de que participei como aluna especial.



Estudantes do curso de Biologia de uma renomada universidade, em cujas carteiras, outrora de madeira, e agora acolchoadas, um dia me sentei. Imagens de museus de história natural do Brasil e do mundo. Animais do museu do Instituto de Biologia, material de empréstimo já tocado por dezenas ou centenas de professores e provavelmente por dedinhos curiosos de alunos. Imagens do projeto BIOTA. Vidrarias de laboratório, cheias de transparências e cores, com suavidades dignas de serem guardadas nas melhores gavetas da memória. Imagens no teto: olhos de quem ainda carrega pele, pêlos e bicos irrigados. E, também rochas, testemunhas silenciosas de outros tempos. Tudo isso, mais

algumas coisas, e as idéias de um artista compuseram nosso cenário. (...)

Uma instalação, sala escura, bichos com olhos falsos e vísceras de algodão.

Armários de metal, guardiões da biodiversidade.

Uma cortina preta, agora cheia de células que se soltaram das peles que a tocaram para entrar no mundo da arte.

Objetos, ciência.

E por que tudo isso?

Um docente que acredita nas possibilidades da escola pública que se aninha nessa universidade e que agiu em função do que vislumbrou. Assim, algo de muito bom aconteceu na escola, na universidade, nas histórias que se deixaram tocar por essa iniciativa.

Os silêncios tendem a intensificar as invisibilidades das culturas, tratando dos encontros entre culturas como algo “fora” do campo da capacidade de ser governado, convertido ao consenso ou excessivamente exposto à divergência. Seria esta uma possibilidade de as disciplinas escolares (no caso, a biologia) persistirem no currículo escolar, criando invisibilidades que permitam a fuga da sua identidade (epistemológica e discursiva?).

Equipe de Design e Execução: Alunos de Graduação em Biologia: Aline Rosa Maia, Danilo Fogaca de Macedo, Karla de Abreu Barbosa, Leticia Paiva Silveira, Samantha Maia Meireles, Priscila de Arruda, Vinicius Umaki Morita, Carolina Tognetta Minozzi , Valdemir da Silva, James Alexandre Martins,

Professoras do Ensino Médio: Terezinha Chagas Carneiro Pessoa e Valquiria Regina de Paula

Artista Plástico e Visual: Gustavo Torrezan

Estudantes de Doutorado: Erica Speglich e Alda Romaguera

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

- *Convite da exposição*

- *Gabinete de Curiosidades*
- *Superfície em dispersão*

sobre o(a) autor(a):

Antonio Carlos R. de Amorim – Professor da Faculdade de Educação/
Unicamp – acamorim@unicamp.br

Terezinha C. Carneiro Pessoa – Professora de Ciências e Biologia do
Centro Estadual de Ensino Supletivo “Paulo Decourt”

Valdemir da Silva – Graduando do curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas